



Etnografia dos homens-memória: acesso e uso da informação e a preservação da memória coletiva da Colônia de Pescadores Benjamin Constant Z-5

Memory men's ethnography: access and use of information and the preservation of the collective memory of the Benjamin Constant Z-5 Fishermen's Colony

Deise Santos Nascimento 

Doutora em Ciência da Informação
Universidade Federal da Paraíba, Brasil
deiseatenas@gmail.com

Resumo

A inserção no mundo digital não é a realidade de todas as comunidades. A Colônia de Pescadores Benjamin Constant Z-5, o *locus* desta pesquisa, está situada no município de Lucena foi fundada em 1924 e guarda um legado memorialístico. Na ciência da informação a memória pode ser compreendida também através da responsabilidade social, intencionada por uma ação de melhoria informacional. Entre outras, na Ciência da Informação as dimensões que caracterizam a memória incluem o compartilhamento, acesso e uso de informação por grupos sobre sua própria história por aspectos sociais/culturais e cognitivos/psicológicos com vistas o presente e o futuro. Em termos de memória coletiva, como esse legado é conservado e transmitido pela Colônia de Pescadores Benjamin Constant Z-5? O presente trabalho objetivou apontar, descrever, interpretar e compreender a partir da etnografia como ocorre o acesso e uso da informação e a preservação da memória coletiva da colônia de pescadores Benjamin Constant Z-5. Essa é uma pesquisa qualitativa, adotou-se o método etnográfico, com orientação teórica nos estudos de memória e a inclinação epistêmica tem base no paradigma social da ciência da informação. A memória coletiva, concebida a partir do sentimento de pertença, na Colônia de Pescadores Benjamin Constant Z-5 - ocorre através dos lugares de memórias que constituem a colônia. Os pescadores artesanais são fontes de informação e de memória, como fonte de informação o acesso e uso da informação possibilita resolver problemas instalados, e como fonte de memórias a evocação delas, possibilita evitar problemas práticos e típicos da atividade pesqueira daquele contexto.

Palavras-chave: memória coletiva; paradigma social; Benjamin Constant Z-5; acesso à informação; uso da informação.

Abstract

Insertion into the digital world isn't a reality for all the communities. The Benjamin Constant Z-5 Fishermen's Colony, located in the Lucena city in the state of Paraíba, this research's locus, was founded in 1924 and keeps a memorial legacy. In information Science field, memory is a construct that can also be understood through social responsibility, because it is intended by an informational improvement action. Among others, in information Science field, the dimensions that characterize memory as a scientific construct include the sharing, access and use of information by groups about their own history by social/cultural and cognitive/psychological aspects with a view to the present and the future. In terms of collective memory, how is this legacy preserved and transmitted by the Benjamin Constant Z-5 Fishermen's? It aimed to point out, describe, interpret and understand from ethnography how the access and use of information occurs and the preservation of the collective memory of fishermen's



doi: [10.28998/cirev.2026v13e18070](https://doi.org/10.28998/cirev.2026v13e18070)

Este artigo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Submetido em: 21/08/2024

Aceito em: 05/11/2025

Publicado em: 22/01/2026

colony Benjamin Constant Z-5. This is a qualitative research, the ethno-graphic method, was adopted theoretical orientation memory studies and the epistemic inclination is based on the social information Science field's. The collective memory, conceived from the feeling of belonging, in the The Benjamin Constant Z-5 Fishermen's Colony - occurs through the place of memories that constitute the colony. Artisanal fishermen are sources of information and memory.

Keywords: *collective memory; social paradigm; Benjamin Constant Z-5; access to information; use of information.*

1 INTRODUÇÃO

A internet trouxe mais visibilidade aos diversos grupos e comunidades, especialmente, através do acesso às fontes de informação. Assim, essas tecnologias de informação e comunicação (TICs) possibilitaram os sujeitos, junto com o conhecimento tradicional, promover melhorias e benefícios de seus respectivos contextos sociais. Porém, a inserção no mundo digital não é a realidade de todos os grupos e comunidades minoritárias, em que a exclusão pode ocorrer por diversos fatores.

A comunidade de pescadores artesanais é um exemplo, ela não deixa de praticar diariamente suas atividades (Nascimento, 2017), por não estarem atualizadas a lógica das TIC, e o acesso e uso das fontes de informação são feitos de outras formas, de acordo com as condições sociais, culturais e tradicionais próprias.

Viver em comunidade significa compartilhar memórias, e estas muitas vezes são as estratégias mais recorrentes e mais práticas do acesso e uso da informação, pois a memória é mecanismo básico da relação aprendizagem e sobrevivência, e como tal, se torna mais importância quando essas comunidades estão mais distantes e/ou isoladas dos eixos centrais dos grandes centros.

Na Ciência da Informação (CI) a memória é relacionada à informação, na perspectiva da informação registrada, assim destacando o compartilhamento, o acesso e uso de informação por grupos sobre sua própria história e passado, dos aspectos sociais/culturais e cognitivos/psicológicos com vistas ao presente e futuro no âmbito social.

De tal modo, é imperativo fazer uma incursão nesse universo da exclusão no âmbito das comunidades distantes, através da prática e da teoria da responsabilidade social para dar voz a esse sujeito que muitas vezes, são mulheres e homens-memória como protagonistas e articuladores. O termo e conceito “- mulheres e homens-memória” -, apresentado e adaptado neste texto, foi criado por Pierre Nora, e que se refere aos sujeitos que são capazes de registrar os fatos ocorridos e depois evocá-los conforme a demanda da comunidade. (Nascimento, 2017)

A Colônia de Pescadores Benjamin Constant Z-5 está situada no município de Lucena, ela é uma das colônias de pescadores que foi criada pela iniciativa do Estado no começo do século XX, e coube a Marinha do Brasil a responsabilidade de estruturar sua criação. A primeira Colônia de Pescadores foi criada em 1919 na cidade de Belém, no Estado do Pará (Moares, 2009).

Essa comunidade vive uma realidade complexa, marcada pela ausência de bens e recursos provenientes de outras fontes, sendo a única fonte de renda da colônia, a contribuição que os pescadores pagam mensalmente e contribuição informacional-memorialista ao longo da vida. Entre outros fatores, destaca-se a má gestão dos administradores anteriores que no exercício de suas gestões, negligenciaram a responsabilidade como patrimônio mate-

rial e imaterial daquela comunidade, que tem atraído cada vez mais, se tornado objeto de investigação por meio de pesquisas acadêmicas.

É importante considerar que essa comunidade completa um século em 2024, e, guarda um legado constituído, em menor e maior grau, por todas as dimensões de memória, como a individual, a coletiva, a agonística, e também, a memória artificial. Porém, em termos de Memória Coletiva como esse legado é conservado e transmitido? Assim, o objetivo desse trabalho versa em apontar, descrever, interpretar e compreensões a partir da etnografia, como ocorre o acesso e uso da informação da rede pesqueira do município de Lucena do Estado da Paraíba que constitui a memória social dessa comunidade.

2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada vez mais, a CI tem sido um contexto de produção de trabalhos que investigam a realidade informacional de diversos grupos e comunidades, e isso inclui a comunidades pesqueira.

Esse fato demonstra que como Ciência Social, ela está seguindo perfilada às questões do mundo contemporâneo, as quais necessitam de debates e, como ciência aplicável seu objeto tem características pragmáticas sociais (Silva; Freire, 2012; Nascimento, 2017). Confirmando com essa compreensão, Aquino (2007, p. 11), afirma que:

A Ciência da Informação, como ciência social inter, multi e transdisciplinar, que se preocupa com os princípios e as práticas da criação, organização e distribuição da informação e com o estudo dos seus fluxos, transmissão e apropriação pelo usuário dessa informação, usando múltiplas formas de disseminação e múltiplos canais, tem sido convocada para assumir significativo papel na sociedade contemporânea: repensar sua responsabilidade social.

Cibangu (2010) afirma que o papel da CI, como Ciência Social, não é resolver ou reprimir a discordância, mas, expor o mundo social em sua plenitude e diversidade. Isto é, a CI deve procurar compreender o mundo social, os sujeitos e os fenômenos sociais inseridos nela, para que possa investigá-los, sobretudo porque, já há um entendimento consolidado quanto à natureza social da informação e, como ciência social, a CI tem uma responsabilidade social a desempenhar perante a sociedade, especialmente, se se pensar que a informação é um bem imaterial, com capacidade de transformar os processos sociais e as práticas comunicativas nos diversos contextos sociais.

Assim, reflete-se sobre as mudanças ocorridas na conjuntura social e no comportamento das pessoas como manifestações que são impulsionadas por dois marcos da sociedade contemporânea: a informação e as tecnologias. A informação, entendida aqui na concepção de Freire e Freire (2010, p. 15) como “um fenômeno que ocorre no campo social”, por meio das práticas sociais.

De tal modo, como área do conhecimento e reconhecida como uma ciência social marcada pela produção de conhecimento aplicável ao desenvolvimento social, e vista já nas primeiras articulações, conforme Borko (1968), Wersig e Neveling (1975), Saracevic (1995), que reconhecem a responsabilidade social como mecanismo importante da ciência da informação. Conforme Santos e Cardoso Filho (2011, p. 4),

Borko (1968) posiciona a CI como um campo novo, como uma disciplina que tem uma função social de auxiliar o desenvolvimento das demais ciências por meio da melhoria dos processos de comunicação, disseminação e compartilhamento do co-

nhcimento. [...], Wersig e Neveling (1975), concordam com Borko (1968) quando afirmam que a CI é um campo novo e interdisciplinar de estudo que surgiu a partir das exigências de uma área de trabalho prático, e que seu nascimento é fruto da contribuição de diversas disciplinas distintas, de pessoas de diversas formações e diferentes interesses, mas, vinculados ao estudo dos processos de criação, armazenamento, recuperação e disseminação da informação em suas diversas áreas do conhecimento.

Nesse campo, a responsabilidade social emerge como estratégia que orienta os possíveis encaminhamentos para a construção de espaços sociais mais democráticos e justos, como vista o acesso e uso a informação. Segundo Freire (2004), a responsabilidade social é fortalecida pelo trabalho dos profissionais da informação que devem procurar meios para a inclusão das populações, sobretudo, daqueles que estão nas áreas sociais mais periféricas, e o campo é uma estratégia para compreender o acesso e uso da informação.

Assim, como Freire (2004), Garcia *et al.* (2015), Targino *et al.* (2019) e Silva (2019) argumentam sobre a importância prática e epistêmica da responsabilidade social para CI e para a atual sociedade.

A natureza prática ocorre uma vez que ela é caracterizada “[...] como uma ação que, de alguma forma, contribui direta ou indiretamente para a transformação e melhoria dos diversos segmentos da sociedade, considerando sua atuação positiva ao focalizar questões voltadas à sustentabilidade e à pró-atividade”. (Garcia *et al.*, 2015, p. 305). Quanto à natureza epistêmica ela:

[...] emerge da empatia e do sujeito empático e é orientada pela informação. No caso do sujeito informacional, a responsabilidade social diz respeito aos fatores sociais: produção e disseminação da informação; vigilância do acesso e do uso da informação, em nível individual e social, acrescidos de rigorosa análise dos reflexos da informação, ambos os processos orientados para a promoção das melhorias individuais e sociais na sociedade da informação. (Garcia *et al.*, 2015, p.305).

No viés epistêmico Targino *et al.* (2019), aponta também que a ação da responsabilidade social é empreendida e representada por trocas de forças; pela empatia e sujeito empático; a ética e sujeito ético; a moral e sujeito moral; responsabilidade e sujeito responsável; a ruptura /ruído e sujeito tácito e a informação e sujeito informacional, esse último como mediador destas forças.

Ainda pelo viés epistêmico, Silva (2019) deriva a ideia de responsabilidade social a situando com mais clareza na ciência da informação, assim destaca o profissional da informação como promotor da prática desta ação, pois para ele a responsabilidade social da ciência da informação envolve:

[...] um conjunto de ações adotadas pelo profissional da informação em benefício da sociedade. Isso significa que, quando esse profissional faz seu trabalho respeitando os preceitos da ética, ele coopera para que tenhamos uma sociedade mais justa, igualitária e solidária. Assim, a responsabilidade social da informação é uma estratégia de política informacional, como, por exemplo, tratar com dignidade e fornecer a informação ao usuário e contribuir, de forma eficaz, para organizar a informação nas unidades. (Silva, 2019, p. 10).

Nesta lógica, a responsabilidade social da informação é um fenômeno, ou seja, uma ação versa na de melhoria através da informação, em que as ações informacionais devem beneficiar da sociedade. Do mesmo modo, se destaca ação de melhoria em primeira instância, para conhecer a realidade e, posteriormente os profissionais da informação, possam vir

a promover intervenções informacionais nos pontos frágeis, fato possível quando se considera a memória coletiva, uma vez que ela pode ser vista como a interseção das memórias individuais.

3 A MEMÓRIA, SUAS DIMENSÕES E INTERSECÇÕES

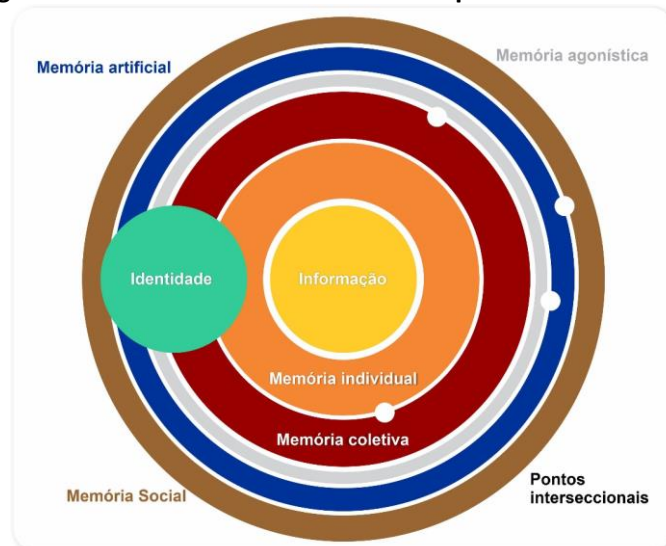
Ao fazer a aproximação entre a informação em memória, Thellefsen, Thellefsen e Sørensen, (2013, p. 374) acreditam que:

Semiotically, all information is signs but not all signs are information, and as such, information is the starting point of any meaning creation process whether the process is conscious or subconscious or whether it is scientific or non-scientific. Information is whatever may attract and may become an object of our attention, understanding and memory¹.

Assim, conforme os autores Thellefsen, Thellefsen e Sørensen (2013) e a Figura 1, a informação (Figura 1, esfera amarela) tem uma ligação íntima com a memória, e esse fluxo semiótico também faz o movimento inverso. Essa lógica permite que os cientistas da informação e a CI compreenderem a informação, e ambas permitem compreender outro terceiro construto, a identidade. (Figura 1, esfera verde).

Como base na Figura 1, a recorrência dos tipos de memória, que embora apresente distinção, se intenciona em alguma medida, e todas elas remetem ao ato de conservar, fixar e registrar. Portanto, são elas: memória individual (Figura 1, esfera laranja), memória coletiva (Figura 1, esfera vermelha), memória agnóstica (Figura 1, esfera cinza), memória artificial (Figura 1, esfera azul) e a memória social (Figura 1, esfera marrom).

Figura 1 - Memória e suas dimensões e pontos interseccionais



Fonte: Autora (2023).

A memória não é um construto exclusivo da CI, ela é abordada por inúmeras linhas de

¹ Tradução nossa. Semioticamente, toda informação é signo, mas nem todo signo é informação e, como tal, a informação é o ponto de partida de qualquer processo de criação de significado, seja o processo consciente ou subconsciente, seja científico ou não científico. Informação é tudo o que pode atrair e tornar-se objeto de nossa atenção, compreensão e memória.

pensamento e campos como a sociologia, psicologia, história, direito, entre outras. Na CI os estudos da memória que revelam essas dimensões da Figura1, se acorram em referências como Henri Bergson (1999), Maruricie Halbwachs (2006), Paul Ricouer (2007) e Jöel Candau (2011), como também e Le Goff (1996), Pierre Nora (1993), entre outros. Esse fato nos faz visualiza que a memória é interpretada por diversos prismas na ciência da informação, sempre com a ancoragem de seu objeto, a informação (Melo Filho, 2016).

Halbwachs (2006) foca a memória como fenômeno essencialmente coletivo (Figura1, esfera vermelha), logo externo, que se apropria dos estímulos sociais construídos para o seu estabelecimento, assim sujeitos constrói como a evocam por meio e outros sujeitos que não vivenciaram a materialmente, assim dando *status* de transcendental, pois nossas lembranças são:

[...] coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. [...] Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós[...]. (Halbwachs, 2006, p. 30).

Para a Halbwachs (2006), as memórias coletivas (Figura 1, esfera vermelha), não se perdem, pois, elas estão compartilhadas e evocadas em grupos na experiência como o outro constantemente. Assim sendo, ao retornar ao passado, um grupo identitário toma consciência de si no fluxo da passagem do tempo. (Halbwachs, 2006).

Para Ricouer (2007, p. 96), a memória está intimamente ligada à história (Figura 1, esfera vermelha), e ao esquecimento, e neste jogo ele alterna cognição e ato/ação, e nesta lógica destaca-se o caráter ideológico. No caráter ideológico “[...] pode ser tida como guardiã da identidade, na medida em que ela oferece uma réplica simbólica às causas de fragilidade dessa identidade”, e quanto ao esquecimento, sendo desenvolvida ao ponto de assegurar os dados na memória por meio de exercícios de memória quanto aos episódios ruins, como no caso do holocausto pelo ator.

Para Le Goff (1996), o construto memória é o ambiente onde a história se desenvolve, e nele há esforço de guardar e compartilhar o passado como mecanismos com vistas o presente e o futuro, desta forma, inferem-se que a memória nutre a história (Le Goff, 1996). Na perspectiva de Le Goff (2003, p. 423), estudar a memória social é basilar para entender a história do sujeito humano, da sociedade e da constituição do presente.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Deste ponto de vista, o estudo da memória abarca a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia e, quanto às perturbações da memória, das quais a amnésia é a principal, a psiquiatria. (Le Goff, 2003, p. 419).

No fluxo na dimensão da história, logo com ligação como o passado, Catroga (2001, p. 26) afirma que “é da essência da memória [...] a necessidade de se continuar a narrar o acontecido através de discursos transgeracionais, a fim de, contra a amnésia, se manter viva a presença do que passou”. Por sua vez, Gondar (2005, p. 17) afirma que a memória “não nos conduz a reconstituir o passado, mas sim a reconstruí-lo com base nas questões que nós fazemos, e que fazemos a ele, questões que dizem mais de nós mesmos, de nossa perspectiva presente, que do frescor dos acontecimentos passados”. Pierre Nora (1993, p. 112), “é o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado”.

Bergson (1999) e Candau (2012) focam a dimensão mental, o primeiro foca a memó-

ria no enlaço psicológico, igualmente essencialmente interno e individual, memória individual (Figura 1, esfera laranja), mas que ela ainda pode ser entendida como fenômeno social, como uma construção social. Bergson (1999) trabalha com as dimensões de memória hábito que versa na aquisição automática e tem a repetição como força motriz. O autor menciona a memória pura que é a aquisição independente da consciência e se alude ao ato de evocar experiência e vivências passadas.

Por sua vez, para o psicólogo cognitivista Candau (2012), a memória individual (Figura 1, esfera laranja), no campo das ciências sociais, configura que a memória é um mecanismo epistêmico para o pesquisador. Para ele a memória compreende a reconstrução continuamente atualizada do passado, assim um enquadramento de um conteúdo alcançável. (Candau, 2012, p. 9-10).

Candau (2011) deriva seu conceito em três dimensões: a protomemória, que versa na memória social, que é um registro, no corpo como, por exemplo, gestos, hábitos, repostas e comportamentos sociais comuns. Ele destaca também a metamemória, essa em que precisam ser evocadas voluntariamente, assim há um esforço cognitivo que é a representação que fazemos das próprias lembranças, e essas dizem a respeito à construção identitária. Para ele, a terceira dimensão de memória, a metamemória, é aquela que se refere à memória coletiva e, pode ser compartilhada, pois, é um conjunto de representações da memória.

E nestas dimensões, um espectral pode ocorrer, as memórias agonísticas (Figura 1, esfera cinza). Candau (2011) revela que é uma dimensão de memória que tem a interação por meio da luta, disputas, conflitos, jogo antitético sem trégua e sem fim (Silva, 2006). Oliveira e Rodrigues (2011, p. 315), argumenta que tem três tipos de memória, memória humana, memória social e a memória artificial. Porém, adição sobre a memória artificial são insipientes, e conceito dos pares carrega controvérsias, pois memória artificial se figura aquela:

[...] memória exteriorizada como extensão da memória humana, uma memória adicional possibilitada por recursos tecnológicos, ou um procedimento técnico que permite sua fixação e facilita sua recuperação, seja uma técnica mnemônica, um registro escrito ou um disco rígido. (Oliveira; Rodrigues, 2011, p. 315).

Em certa medida, a memória artificial é humana e social, e o registro e o suporte em si, não produz essa distinção, porém se a artificialidade ao qual se refere aos autores versa no contraponto à cognição, essa questão precisa ser mais delimitada epistemologicamente.

4 MÉTODO, ESTRATÉGIAS E MATERIAIS

É uma pesquisa qualitativa, pois ela pode se debruçar sobre a memória social, assim procurando compreender essa relação em um determinado contexto social, a colônia 'Benjamin Constant, Z-5' situado no município de Lucena, litoral norte da Paraíba. Adotou-se o método etnográfico, nele o pesquisador experimenta em lócus, das vivências dos sujeitos de pesquisa, de tal modo inclui, se perder nas vivências dos sujeitos da pesquisa como finalidade, refletindo o organismo social (Angrosino, 2009).

O pesquisador se mantém um nativo em alguma medida, sendo essa uma ferramenta para refletir o próprio processo do pesquisador para torna familiar o exótico e obter insights no contexto social do estudo, pois com o distanciamento não seria possível (Denzin; Lincoln, 2006). No método Etnográfico os pesquisadores buscam possibilidades de tirar o entendi-

mento de melhor forma, da interação social como os aspectos memorialísticos das comunidades.

A CI como ciência social dá abertura para investigar os fenômenos que são diretamente relacionados à informação, como o construto memória, sobretudo, porque tanto a informação como a memória são dois pilares que interagem e que sustentam a realidade social, assim promovendo os processos de interação social.

Foram usadas duas técnicas da etnografia, a observação participante que apreende algo mais a comunicação e, a história oral que fixa nas comunicações. A observação participante possibilitou conhecer o funcionamento da comunidade de pescadores, atentando para questões e comportamentos manifestados, que revelasse alguns indícios, relacionado à temática investigada, ou seja, da memória, pois elas estão para além das falas, mas nos artefatos tecnológicos e culturais, na linguagem corporal, na arquitetura da comunidade, na culinária, entre outros.

O ato de observar é uma atividade que requer do pesquisador, atenção máxima e utilização de todos os sentidos sensoriais, sobretudo, audição, visão, percepção. A observação participante é uma das técnicas do método etnográfico, ela é “[...] uma estratégia de campo que combina, simultaneamente, a análise de documentos, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação”. (Denzin; Lincoln, 2006, p. 207-208). Para Spradley (1980) a observação participante tem três fases distintas, a observação descritiva, a observação focalizada e a observação seletiva.

A observação vai evoluindo de uma fase mais **descritiva** no início, em que o investigador procura obter uma perspectiva geral dos aspectos sociais, das interações e do que acontece em campo, a que se seguirão momentos de **observação focalizada**, após a análise dos dados anteriormente recolhidos, em que começa a ter como foco determinadas situações e/ou acontecimentos. Por último, a **observação seletiva**, depois de repetidas observações em campo, já no decurso da elaboração do relatório. São o “refinar” da observação, implicando regressar ao campo, na procura de diferenças entre categorias específicas já identificadas. (Correia, 2009, p. 32).

Sobre essas três fases, Velho (1978, p.39) considera a percepção, ela precisa estar acima da dimensão de familiar e do exótico, pois ambas se referem ao conhecimento prévio e/o até mesmos de pré-conceitos, em que estes devem postos em suspensão para não aviesar a percepção.

Na história oral, a técnica da coleta de dados, muito comum na pesquisa etnográfica, pode ser figurado como um método, mas, nesta pesquisa, se figurado uma técnica. Ela pressupõe recorrer à memória para recobrar o tempo passado e os acontecimentos vividos de modo autêntico e, ajuda na reconstrução de acontecimentos no presente. (Jovhelovitch, Bauer, 2007; Nascimento, 2017).

Neste sentido, recorreu-se as orientações apresentado por Flick (2009), que reconhece que o ponto de partida para a narrativa na história oral, é dada pelo pesquisador por uma pergunta que ela chama de “pergunta gerativa de narrativa”, que tem por finalidade estimular a narrativa principal e que no caso da nossa pesquisa foi: Você pode começar me contando a sua história como pescador?

No percurso dessa pesquisa, como enfoco na memória, utilizou-se instrumentos como o diário de campo, gravador de voz e máquina fotográfica para registrar os fluxos de memória do espaço social e cultural. Para Oliveira (2014, p. 1), “o diário de campo configura-se como um dispositivo de registro das temporalidades cotidianas vivenciadas na pesquisa, ao potencializar a compreensão dos movimentos da/na pesquisa”.

Como diário de campo, foi usada uma agenda, com espiral, tamanho correspondente a de um caderno pequeno, de 100 (cem) folhas e canetas esferográficas em cores variando entre o preto, vermelho e o azul. Beaud e Weber (2007, p. 93) reforçam a importância do diário de campo, pois consideram que;

O saber-fazer do etnógrafo consiste essencialmente em técnicas gráficas, em sistemas de anotações: o diário de campo, a transcrição da entrevista. Fazer observações e entrevistas e analisá-las são as duas pernas sobre as quais se sustenta para fazer avançar a pesquisa.

Além do diário de campo foi utilizado o gravador de voz para o registro das histórias de vida, feito com o consentimento dos pescadores. O gravador de voz utilizado foi o Sony digital portátil, modelo ICD-PX240 com mp3, com peso de 72 (setenta e duas) gramas, com microfone embutido e memória interna de 4 (quatro) *gigabytes* com capacidade de armazenar até 1043 (um mil e quarenta e três) horas de gravação, alimentados por bateria removível de longa duração (pilhas), com terminal de saída e entrada para microfones externos e portas USB, para conexão ao computador e transmissão dos arquivos de áudios gravados.

Sobre o uso desse suporte na pesquisa de campo, Beaud e Weber (2007, p. 137) consideram que “só a gravação permitir-lhes-á captar na íntegra e em todas as suas dimensões, a palavra do entrevistado; ser-lhe-á possível, na sequência, trabalhar em profundidade sua entrevista especialmente executando várias vezes [...]”. No tipo de pesquisa realizado, não era possível deixar de utilizar a imagem, para registrar a dinâmica social dos sujeitos.

A fotografia e a filmagens ajudou a compreender o modo como às regras de convivência e interação social são estabelecidas no contexto da pesca e, na comunidade. As expressões e gestos captados resultam numa narrativa visual que revela uma subjetividade de sentidos que fazem parte daquelas relações. Para o registro das imagens e a filmagens, utilizamos câmera digital semiprofissional da marca Kodak, modelo PIXPRO AZ 501, com recursos automáticos e alto poder de captura.

O uso desses suportes nas pesquisas de caráter etnográfico é uma prática comum nas ciências sociais. Essa área de conhecimento abriga ciências, como a ciência da informação, que trata de fenômenos emergentes dessa sociedade como, por exemplo, as tecnologias, bem como, a relação desses fenômenos com a sociedade. Assim sendo, com o auxílio desses suportes, foi possível captar impressões no campo de pesquisa, procurando manter a fidelidade dos fatos observados, com o devido cuidado para não perder informações que seriam de grande relevância para a pesquisa.

As concepções epistêmicas desse trabalho têm inclinação a abordagem social da ciência da informação, assim denominada por Capurro (2003), que delimita a relação sujeito-social e seus significados e efeitos na intersecção dos construtos pertença, exclusão, pobreza, pre-conceito, cultura e memória.

O *lócus* de pesquisa foi a Colônia ‘Benjamin Constant Z-5 que compõe a comunidade de pescadores situada no município de Lucena, litoral norte da Paraíba. É uma das mais antigas entidades de representação dessa categoria no Estado da Paraíba e integra o grupo das primeiras colônias de pesca que foram criadas no Brasil. Ela foi fundada por iniciativa da Marinha de Guerra, no ano de 1924, ficando a cargo da Capitania dos Portos da Paraíba, sua delimitação costeira (Nascimento, 2017).

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Como estratégia, o Quadro 1 é um resumo do fluxo interseccional entre a memória individual (acontecimentos pessoais), memória coletiva (sentimento de pertença), com memória agonística (demarcação de território; lutas; relação de poder) e memória artificial (algoritmos, *bits*, digital, virtual, *on line*).

Vale esclarecer que ao expor os dados desta pesquisa, as análises e a própria percepção da pesquisadora, automaticamente a memória social emerge como fenômeno. Isso ocorre porque a memória social recai sobre a escolha dos dados que a pesquisadora inferiu ser importante conservar; transmitir; registrar, a partir do artigo como suporte e materialidade, e especialmente, o que ela inferiu tornar público aspectos da história da colônia de pescadores Benjamin Constant Z-5 (Figura 1). Logo, as análises, os apontamentos, descrições, interpretações e compreensões expressam essa memória social.

Para analisar o acesso e uso a informação da rede pesqueira do município de Lucena do Estado da Paraíba do fluxo interseccional do Quadro 1, os discursos foram organizados em três categorias: 'Pescador', categoria representada pela letra 'P' que pode ser derivado para 'P1' até 'P85'; a segunda 'Pescador Aposentado' que recebeu o código 'PA'; e a terceira categoria 'Pescador Gestor' codificado com 'PG'.

Quadro 1 - Memória individual, memória coletiva e memória agonística

Sujeitos da Pesquisa	Falas
P - Pescador	<i>Eu peço informação aos meus colegas, eu escuto rádio, veja televisão, só num sei nada de internet (risos)". P1</i>
	<i>Antigamente tudo era com muita dificuldade e aqui na Ponta de Lucena não tinha escola, a gente tinha que vir de lá a pé, pelo mato, num tinha estrada era tudo mato (...) e quando chegava já era hora de voltar (risos) porque todo mundo pequeno, perna curta, cansado. Aff Maria!, era sofrimento viu. P5</i>
	<i>Quando eu quero uma informação, eu procuro uma pessoa que possa me dizer certo, porque tem gente que num sabe e fica dizendo errado. Por isso que eu gosto de ir na pessoa certa". P2</i>
	<i>Eu vejo tanta coisa errada acontecendo aqui e é por falta de quem oriente e ensine". P2</i>
	<i>Se a colônia chamar, o pessoal vem aqui, dá um apoio à gente, porque tem muita coisa que a gente num sabe, tem pescador aqui que nunca viu um GPS". P3</i>
	<i>Meu filho me ajuda e descobre tudo na internet, e eu assisto o jornal que eu gosto muito". P4</i>
	<i>Quando acontece reunião é que a gente fica sabendo de alguma informação pela Colônia, fora isso eles não fazem mais nada". P6</i>
	<i>Vou participar sim, ... o pessoal da universidade sabe de coisa que a gente num sabe, e é bom conversar com esse pessoal" P6</i>
	<i>Toda vez que eu precise de uma informação, eu peço pra minha filha ou minha neta me ajudar. O cara que num tem estudo é cego de guia, (risos) eu sou, porque estudei pouco e já até esqueci o que aprendi (risos). P7</i>
	<i>Por conta de briga de política, o pessoal aqui esconde muita informação que pode ajudar sabe, é uma tristeza. P9</i>
	<i>Sua pesquisa é importante, pra gente. Se a senhora for fazer ela, com outros pescadores de outro lugar, vai ver que a coisa aqui em Lucena tá muito errada. P10</i>
	<i>A melhor coisa do mundo é o cara saber ler, porque ai ele num sofre na hora que quer saber alguma coisa.[...] num fica como eu, dependendo dos outros até pra comprar um remédio. Eu num estudei (risos) P12</i>
	<i>Se eu disser que nunca teve curso eu tô mentindo, mas era pra ter sempre, porque a gente aqui precisa de informação. P14</i>
	<i>Eu pesquiso na internet pra mim e pro outros. Tudo que eu sei eu aviso aqui a todo mundo. P14</i>

	<i>Quem tem pouca leitura, precisa sempre de alguém pra ajudar, eu peço ajuda quando não entendo e quando quero uma informação. PA18</i>
	<i>[...] é bom um trabalho assim, porque ninguém nunca se lembra de Lucena” P20</i>
	<i>Eu comecei a pescar muito cedo, com nove anos eu já vinha pra rede com meu pai. Como era pequeno ainda, eu ajudava fazendo a corda, ficava enrolando a corda que ia saindo da água, pra depois o pescador botar na jangada e ir e novo soltar a rede. A vida de pescador começa cedo. P38</i>
	<i>Essa colônia tem muita coisa errada e eu aposto com qualquer pescador aqui que quando esse presidente sair, o rombo que vai ficar vai ser grande. P61</i>
	<i>A gente precisa de muita coisa homi, e de informação principalmente. As coisa acontece pra benefício do pescador e ninguém aqui sabe de nada. P67</i>
	<i>Antigamente, num tinha as condições que tem hoje, tudo era muito difícil. Só tinha a pesca mesmo e o cara tinha que trabalhar ou morria de fome. Hoje eu vejo a facilidade que tem pra conseguir as coisas e ainda tem pescador que reclama. É porque não viveu o tempo ruim”. Eu me lembro que meu pai e minha mãe saía de casa ainda escuro pra botar água e lenha pra casa, pra poder minha vó, ficar com a gente. Depois eles iam pra praia. Meu pai ia pescar e minha mãe ajudava. Quando eu e meu irmão chegava da escola, ajudava também. Eu num gosto nem de lembrar, porque era muito sofrimento e a gente mesmo sendo criança, tinha que trabalhar mesmo, o tanto que trabalhava. P30</i>
PA - Pescador Aposentado	<i>Quando eu tô aqui e fico olhando lá fora, eu fico me lembrando do sofrimento que era no meu tempo. Eu sempre gostei de pescar sozinho e passei uns sufoco no mar, mas eu gostava. PA</i>
	<i>As vezes eu falo pra essa turma mais nova como a gente pescava antigamente, como era que a gente fazia a rede pra pescar. Se fosse hoje, eles morria tudinho de fome, porque num ia querer pescar não. A rede, a gente fazia com um fio de agave, ninguém conhecia nylon não. Dava um trabalho danado. Oxi, eu pesquei muito com rede assim. Lembro demais. PA</i>
PG - Pescador Gestor	<i>É na reunião que a gente dá todas as informações, se a pessoa num vem pra reunião, eu não vou ficar indo atrás de ninguém. Se num vem, deixa de ficar sabendo. As vezes eu também contrato o carro de som, mas isso eu num faço sempre não, é na reunião mesmo que a gente informa o que tem pra informar” PG1.</i>
	<i>Não é sempre que eu faço reunião não, eu espero ter bastante assunto pra tratar pra poder marcar uma reunião, mas isso num atrapalha nada, porque é na reunião que a gente dá todas as informações, às vezes eu também contrato o carro de som pra divulgar, [...] mas já teve cursos e muitas palestras com o pessoal do Ibama, com engenheiro da Embrapa. PG1</i>
	<i>Eu sei que tem a escola em Cabedelo (IFPB), que tem o curso de pesca e tem também o Centro de referência, mas eu nunca procurei ninguém de lá pra vir dá um curso aqui pro pessoal. Quando eu assumi a colônia não tinha nenhuma parceria feita e eu confesso que também não fiz isso até agora. Mas teve já palestra, e uns três cursos. PG1</i>
	<i>A gente faz reunião. Eu sei que tem pouca reunião, num tem mês a mês, como devia, mas a gente num esconde nada de ninguém”. E se for uma coisa mais urgente, a gente usa o carro de som, coloca cartaz na colônia. PG2</i>

Fonte: Nascimento (2017).

Ao destacar o conjunto de sujeitos no Quadro 1, as memórias emergem no nível individual, pois ela é um ponto de vista, segundo Halbwachs (2006), assim ocorrendo pelos acontecimentos pessoais, ou seja, como cada sujeito sente e percebe o mundo da pesca ao longo de sua vida, as experiências vividas.

Portanto, a primeira inferência versa na compreensão dos pescadores como homens-memória, e isso ocorre pôr duas perspectivas. Teoricamente esses sujeitos são capazes de registrar os fatos e informação em suas estruturas cognitivas para lembrá-los à comunidade

de forma espontânea, como vistas em seus pares e/ou quaisquer outros que tenham interesse em saber/conhecer um pouco mais desse universo da pesca.

Na prática esse saber na perspectiva da memória individual é construído desde cedo, de forma precoce a partir de sensação e percepção do mundo da pesca, como demonstra a fala dos sujeitos P38, ***'Eu comecei a pescar muito cedo, com nove anos. [...] A vida de pescador começa cedo.'***

Essa inserção ocorre culturalmente com os meninos, essa demarcação fica muito clara, em que nos primeiros anos e, dependendo da idade, ocorre por desenvolvimento de atividades mais simples, assim desenvolvendo a formação até alcançar o *status* de pescador. De tal modo, a pesca tem uma formação intensa, e é sempre a primeira formação, pois os pescadores podem desenvolver outras habilidades, mas sempre retornam as primeiras aprendizagens profissionais.

Com essa formação intensa, os pescadores artesanais são profissionais que possuem habilidades para interpretar os eventos naturais, pois trabalham com os fenômenos da natureza, e estes, se manifestam todos os dias de forma diferenciada desde a infância. Além da experiência adquirida com o trabalho na infância, e também o conhecimento herdado, os pescadores artesanais podem ser reconhecidos como fontes de informação, é o alicerce dessa afirmação, pois é nela que fica guardado, um acervo de informações valiosas, perpassado de lembranças e ritos marcantes.

Mosaico 1 - Alguns fenômenos que constituem a memória coletiva



Fonte: Nascimento (2017).

Neste fluxo se dá a memória coletiva, concebida como aquela compartilhada pelos sujeitos, em que o sentimento de pertença é a essência, a partir do lugar de memória como evidencia o Mosaico 1. O lugar de memória, pode ser a colônia em si, e os espaços que constituem essa mesma colônia, pois neles pode-se relembra as suas histórias e transmitir conhecimentos a outros pescadores. (Nora, 1984).

O sentimento de pertença pode ser atividade pesqueira em si em alto mar (redes para serem lançadas ao mar) (Mosaico 1 - foto 7-8) , a beira-mar (concentração de redes de arrasto na praia de Lucena-Pb) (Mosaico 1 - foto -1-2) , nos espaços de guarda dos mecanismos de trabalho (caixas) (Mosaico 1 - foto 4), interação entre familiares e bate-papo de manutenção e preparação das ferramentas de trabalhos (Mosaico 1 – foto 3-5-6) , como também das conquistas e da colônia e/ou até mesmo, das problemáticas, como evidencia algumas falas do Quadro 1.

No âmbito das problemáticas, como evidencia respectivamente as falas no Quadro 1, PA, PG e P1 ***‘fico me lembrando do sofrimento que era no meu tempo.’; ‘Eu num gosto nem de lembrar, porque era muito sofrimento e a gente mesmo sendo criança.’; ‘Aff Maria!, era sofrimento viu.’***

A memória coletiva representada pela ideia de ***sofrimento*** não aparece somente a pertença na atividade pesqueira, mas em tudo que envolve ela, partes dessa vida, dessa realidade e identidade pesqueira, como: os desafios e manter a educação formal; o desloca-

mento da colônia para outros espaços sociais; a falta de estudos para acessar outra informação, especialmente em redes digitais.

Por conseguinte, a partir das narrativas do Quadro 1, percebe-se que a memória que ao mesmo tempo é individual e também coletiva, aparece um espectral agonístico no momento de evocação. Neste sentido, a identidade pesqueira da Colônia de Pescadores “Benjamin Constant”, Z-5 não se figura uma identidade agonística, mas os comportamentos agonísticos marcam as relações da colônia.

O comportamento agonístico dos pescadores versa em uma conduta de batalha implícita, com confrontos marcantes na fala por argumentos que agregam as representações por palavras e frases como: P9 *‘esconde’*, P61 *‘Essa colônia tem muita coisa errada’*; P9 *‘aqui esconde muita informação’*, P10 *‘Lucena tá muito errada’*; P9 *‘Por conta de briga de política’*. Esses argumentos demarcam relação de poder nesse território, por consequência faz manutenção de algumas memórias agonísticas, e, sobretudo, atrapalha o acesso da informação, em que os pescadores não têm registrados em suas estruturas cognitivas, o constituem a memória coletiva da colônia, e que dependem de outras pessoas para acessá-los.

Assim, a memória artificial como categoria de Oliveira e Rodrigues (2011), não se fixa no âmbito desta comunidade, pois o acesso e uso das TIC que possibilita construir essa demissão de memória, já que o acesso e uso acontecem por intermeio de alguém, como por exemplo: *‘Meu filho me ajuda e descobre tudo na internet’*; *‘Eu pesquiso na internet pra mim e pro outros’*. *‘Tudo que eu sei eu aviso aqui a todo mundo’*. P14.

Ou seja, o acesso e uso das TIC não ocorrem como mecanismos importantes para articulações laborais e identitárias. Isso significa também dizer que quando um pescador necessita de informação, a busca também é feita por intermeio das gerações mais novas e, independente da colônia de pescadores, ou por alguns que detêm um pouco mais de conhecimentos técnicos, e que tem disposição de compartilhar a informação.

O uso da informação para articulações das atividades tem as reuniões como uma fonte de informação mais importante, porém há desconfiças do que é compartilhado. Isso é percebido pelos níveis de comportamentos agonísticos, especialmente, entre os ‘Pescadores’ ‘P’ e os ‘Pescador Gestor’ ‘PG’. *‘A gente faz reunião. Eu sei que tem pouca reunião, num tem mês a mês, como devia, mas a gente num esconde nada de ninguém’*. E se for uma coisa mais urgente, a gente usa o carro de som, coloca cartaz na colônia.

Ao afirmar que não esconde nada, infere-se que já houve questionamentos dos pescadores em dado momento sobre informações, assim o comportamento agonístico pode emergir entre ambos por zonas de segredos e as zonas de silêncios, que precisam ser apontadas como fatores que fragilizam o acesso da informação pelos pescadores.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A colônia de pescadores Benjamin Constant Z-5 tem recebido pesquisadores de diferentes instituições interessados em estudar o comportamento das espécies marinhas, da fauna acompanhante, de questões de natureza ambiental com os estuários e manguezais que predominam na região, como verificado *in loco*. Contudo, são poucas as pesquisas que visualizam os pescadores como objeto de estudos, o que faz desta pesquisa uma ação da responsabilidade social, com vista a promoção de uma sociedade mais justas.

A colônia de pescadores Benjamin Constant Z-5 tem uma importância social e histórica não apenas para a comunidade, mas, para a história da pesca no Brasil e na Paraíba, uma vez que ela é uma das primeiras colônias de pescadores fundadas no país por iniciativa da

marinha de guerra. Então empreender esforços para compreendê-la, significa construir um conhecimento que contribui para melhoria das comunidades de pescadores, do município de Lucena do estado da Paraíba e do Brasil. Respondendo o problema de pesquisa, a memória coletiva como legado da colônia de pescadores Benjamin Constant Z-5 é conservado e transmitido de forma oral e interacional. De forma oral, pois a atividade pesqueira exige comunicação, e de interacional, ocorre porque os pescadores são sujeitos sociais, o comportamento social marca essa transferência, manutenção e perpetuação por meio do sentimento de pertença, que identificamos nas narrativas.

Nesse sentido, memória coletiva da colônia de pescadores Benjamin Constant Z-5 que se concebe a partir do sentimento de pertença, ocorre através dos lugares de memórias, que é a colônia em si, mas os espaços que a compõe onde ocorrem a comunicação (oralidade) e interação, que pode ser: em alto mar, à beira-mar, nos espaços de guarda das ferramentas de trabalho, no núcleo familiar e com o contato com os pescadores mais velhos, no bate-papo no ato da manutenção e preparação das ferramentas de trabalhos, como também das conquistas da colônia e/ou até mesmos das problemáticas, como os comportamentos agonísticos.

Dessa forma, pela experiência adquirida com o trabalho e pelo conhecimento herdado, os pescadores artesanais podem ser reconhecidos como fontes de informação e de memória, pois tudo que é importante fica guardado cognitivamente. No que se refere à ideia de fonte de informação, o acesso e uso da informação é possível resolver problemas instalados, especialmente, quando se refere à atividade pesqueira, e na ideia de fonte de memória, a evocação delas possibilita evitar problemas práticos e típicos da atividade pesqueira daquele contexto.

Vale destacar, que a memória coletiva não é sistematizada, ela é orgânica, assim a dimensão de forma oral e interacional não são colocadas de forma defendida e sequencial. Contudo, ao esquematizar neste artigo esses dados e informações, como uma ação da responsabilidade social da informação, a memória coletiva toma status de memória social, uma vez que ela recai sobre o fluxo informacional que inclui a escolha, registro e disseminação das informações sobre a colônia de pescadores Benjamin Constant Z-5. Assim, ao evidenciar a memória coletiva da colônia de pescadores Benjamin Constant Z-5 em forma de artigo, se figura uma intervenção informacional dos pontos frágeis, um conhecimento teórico quando se referir a grupos e comunidades pesqueiras, e que pode embasar pesquisas posteriores no âmbito da CI no domínio das discussões em memória e abordagem social.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Tradução José Fonseca; consultoria, supervisão e revisão desta edição Bernardo Lewgoy. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2009. 138 p.

AQUINO, M. A. A ciência da informação: novos rumos sociais para um pensar reconstrutivo no mundo contemporâneo. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 3, 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/54528>. Acesso em: 26 jul. 2023.

BEAUD, S.; WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo**: produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BORKO, H. Information Science: what is it? **American Documentation**, [s.l.], v. 19, n. 1, p. 03-05, 1968.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CATROGA, F. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

CIBANGU, S. K. Information science as a social science. **Information research**, [S.l.], v. 15, n. 3, 2010.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, I. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, G. H. A. Ciência da informação: temática, histórias e fundamentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 6-19, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.pbcib.com/index.php/pbcib/article/view/8350>. Acesso em: 20 ago. 2024.

FREIRE, G. H. A.; FREIRE, I. M. **Introdução à Ciência da Informação**. João Pessoa: Editora Universitária, 2010.

FREIRE, I. M. A responsabilidade social da Ciência da Informação na perspectiva da consciência possível. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, fev. 2004. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/5519>. Acesso em: 20 ago. 2024.

GARCIA, J. C. R *et al.* Responsabilidade social: contra ou a favor? **Informação & Informação**, Londrina, v. 20, n. 1, p. 303-318, jan./abr. 2015. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10951/pdf_55. Acesso em: 26 jul. 2023.

GONDAR, J. Quatro Proposições sobre Memória Social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, V. **O que é memória social?** Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

JOVCHELOVITCH, S. BAUER, M. W. Entrevista narrativa. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1996.

LE GOFF, J. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

MELO FILHO, E. T. Relações teórico-conceituais entre identidade e memória na perspectiva da ciência da informação. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 116-130, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/41286>. Acesso em: 06 mar. 2023.

MORAES, S. C. **Colônia de pescadores e a luta pela cidadania**. 2009. Disponível em: <https://cppnorte.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/08/colc3b4nias-de-pescadores-e-a-luta-pela-cidadania.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2024.

NASCIMENTO, D. S. **Mediação da informação: estudo das práticas na Colônia de Pescadores "Benjamin Constant" Z5**, em Lucena-PB. João Pessoa, 2017. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, João Pessoa, 2017. Disponível em: https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_cf644998c1d3c2442b7573c1e042f48b/Details. Acesso em: 20 ago. 2024.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

NORA, P. **Les Lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1984, v. 1.

OLIVEIRA, E. B.; RODRIGUES, G. M. O conceito de memória na ciência da informação: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil. **Liinc**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 311-328, mar. 2011. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8511/1/ARTIGO_ConceitoMemoriaCienciaInforma%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 22 jul. 2023.

OLIVEIRA, R. C. M. (Entre)linhas de uma pesquisa: o diário de campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, [s.l.], v. 2, n. 4, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/1059>. Acesso em: 20 ago. 2024.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, M. M.; CARDOSO FILHO, J. C. Informação e políticas públicas: responsabilidade social da Ciência da Informação. **Biblios**, Lima, n. 45, p. 28-39, 2011. Disponível em: <https://biblios.pitt.edu/ojs/biblios/article/view/26/75>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SILVA, A. M. **A informação**: da compreensão do fenômeno e construção do objeto científico. Porto: Afrontamento, 2006.

SILVA, J. L. C.; FREIRE, G. H. A. Um olhar sobre a origem da ciência da informação: indícios embrionários para sua caracterização identitária. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 17, n. 33, p. 1-29, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17n33p1>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SILVA, L. E. F. Do “eu penso” da Ciência Moderna à consciência possível na Ciência da Informação: uma relação possível sob a égide da responsabilidade social da informação. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 6, n. 3, p. 3-14, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/6167/6810>. Acesso em: 12 set. 2022.

SILVA, T. M. F. O trágico e o agón em Nietzsche. **Polymatheia**, Fortaleza, v. III, n. 3, p. 107-127, 2007.

SPRADLEY, J. **Participant observation**. Fort Worth: Harcourt Brace College Publishers, 1980.

TARGINO, M. G. *et al.* Do Sujeito Empático ao Sujeito Informacional: Relações Epistemológicas Acerca da Responsabilidade Social na Ciência da Informação. **Rev. FSA**, Teresina, v. 16, n. 3, p. 265-282, maio/jun. 2019. Disponível em: <http://www4.fsanet.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1807/491491877>. Acesso: 06 mar. 2023.

THELLEFSEN, M.; THELLEFSEN, T.; SØRENSEN, B. A Pragmatic Semeiotic Perspective on the Concept of Information Need and Its Relevance for Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, [s.l.], v. 40, n. 4, 2013. Disponível em: <http://www.isko.org/ko404toc.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2023.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. O. (Org.) **A Aventura Sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

WERSIG, G., NEVELING, U. The phenomena of interest to information science. **The Information Scientist**, [s.l.], v. 9, n. 4, 1975.